

INTELIGÊNCIA HUMANA: CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES

HUMAN INTELLIGENCE: CONCEPTIONS AND POSSIBILITIES

Oswaldo José Sobral¹

RESUMO:

Este artigo científico de revisão cujo tema é a inteligência humana, originou-se das pesquisas bibliográficas realizadas na última década, especialmente, às vinculadas à elaboração de disciplinas relacionadas à Psicologia da Educação, especialmente, no contexto dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na unidade universitária de Inhumas. E, ainda, nos três últimos anos, para atender às ementas das disciplinas das matrizes curriculares do Curso de Enfermagem – Psicologia Geral – e do Curso de Direito – Psicologia Jurídica –, da Faculdade de Inhumas (FacMais). Nessa direção, a personalidade e a dimensão psicológica do ser humano podem ser compreendidas por intermédio da sua subdivisão nas dimensões afetiva (emoções, sentimentos e sensações), volitiva (vontade, desejo e prazer) e cognitiva (cognição e inteligência). Nesse entendimento, a discussão será focada na dimensão cognitiva, mais, especificamente, na inteligência e sua tipologia, haja vista ser ela a temática central deste trabalho acadêmico-científico. O procedimento metodológico utilizado foi o levantamento bibliográfico, que pesquisou as obras de Bock, Furtado e Teixeira (2002); Dalgalarondo (2008); Gardner (1994); Golleman (1995); Nunes e Silveira (2011); Piaget (1987); dentre outros. No desenvolvimento teórico do texto foram discutidos os seguintes tópicos: a inteligência como objeto de pesquisa da Psicologia; genialidade, altas habilidade, superdotação e talento; a Teoria das Inteligências Múltiplas; e a Teoria da Inteligência Emocional. Finalmente, foi possível considerar que com a evolução histórica do conceito de inteligência, e de suas concepções e tipologia, é possível, na atualidade, percebê-la como a capacidade humana de solucionar problemas de diversas ordens: afetiva, volitiva e cognitiva.

PALAVRAS-CHAVES: INTELIGÊNCIA; PSICOLOGIA; INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS; INTELIGÊNCIA EMOCIONAL.

ABSTRACT:

This scientific review article whose subject is human intelligence, originated from literature searches conducted in the last decade, especially linked to the development of disciplines related to Educational Psychology, especially in the

¹ Psicólogo (UCG-1994), Especialista em Docência Universitária (UCG-2001), Mestre em Educação (FE/UFG-2008) e Professor do Ensino Superior, nos cursos de bacharelado em Administração, Ciências Contábeis, Direito e Enfermagem, da Faculdade de Inhumas (FacMais), e de Letras – Português/Inglês e Pedagogia, da UEG/Inhumas, além de cursos de pós-graduação.

context of undergraduate courses at the State University of Goiás (UEG), the unit of Inhumas university. And yet, in the last three years, to meet the menus of the disciplines of curriculum matrices of Nursing Course - General Psychology - Course and Law - Legal Psychology - Faculty of Inhumas (FacMais). In this sense, personality and psychological dimension of the human being can be understood through its subdivision affective dimensions (emotions, feelings), volitional (will, desire and pleasure) and cognitive (cognition and intelligence). In this understanding, the discussion will focus on the cognitive dimension, more specifically, in their intelligence and typology, considering it to be the central theme of this academic and scientific work. The approach used was the literature review that surveyed the works of Bock, Furtado and Teixeira (2002); Dalgalarondo (2008); Gardner (1994); Golleman (1995); Nunes and Silveira (2011); Piaget (1987); among others. In the theoretical development of the text were discussed the following topics: intelligence as a research subject of psychology, genius, high skill, giftedness and talent: the Theory of Multiple Intelligences, and the Theory of Emotional Intelligence. Finally, consider what was possible with the historical evolution of the concept of intelligence, and his concepts and typology, it is possible, today, to perceive it as the human capacity to solve problems of different orders: affective, cognitive and volitional.

KEYWORDS: INTELLIGENCE; PSYCHOLOGY; MULTIPLE INTELLIGENCES, EMOTIONAL INTELLIGENCE.

Introdução

Este artigo científico tem como tema a inteligência humana, e se constitui como o resultado de uma experiência com o estudo e a utilização de técnicas da Psicometria² – teste psicométricos, inclusive os “testes de inteligência” – em disciplina específica e no estágio curricular supervisionado do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás (UCG)³, em 1994, e a partir de então, até o ano de 2000, com o trabalho psicológico profissional de orientação vocacional e informação profissional, clínico. E, posteriormente, a partir de 2002, com o trabalho docente de pesquisas bibliográficas e aulas ministradas, especialmente, aquelas vinculadas à elaboração de disciplinas relacionadas à Psicologia da Educação, no contexto dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na unidade universitária de

² “Ciência que tem por objetivo estabelecer e aplicar processos de estudo quantitativo dos fenômenos psíquicos. Em sentido mais restrito, designa a própria medição de tais fenômenos” (CABRAL; NICK, 1989, 317).

³ Atual Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), na cidade de Goiânia, Goiás.

Inhumas, e, ainda, nos três últimos anos, para atender às ementas das disciplinas das matrizes curriculares dos cursos de bacharelado em Enfermagem – Psicologia Geral – e em Direito – Psicologia Jurídica –, da Faculdade de Inhumas (FacMais).

Nessa direção, a personalidade e a dimensão psicológica do ser humano podem ser compreendidas por intermédio de uma subdivisão em outras três dimensões: 1) dimensão afetiva, a afetividade – que envolve as emoções, os sentimentos e as sensações; 2) dimensão volitiva, a volição – que é constituída pela vontade, o desejo e o prazer; e 3) dimensão cognitiva, a cognição – que é o ato ou processo de conhecer, que envolve as capacidades de atenção, concentração, imaginação, juízo moral (julgamento), memória, pensamento e linguagem, além das diversificadas formas de raciocínios e percepção, e os diversos tipos de inteligência.

Nesse entendimento, a discussão será focada na dimensão psicológica cognitiva, mais, especificamente, na inteligência e sua tipologia, haja vista ser ela a temática central deste trabalho acadêmico. Para tanto, o desenvolvimento deste texto científico apresentará descrições e reflexões a respeito dos seguintes tópicos teóricos: desenvolvimento intelectual humano, a inteligência como objeto de pesquisa da Psicologia; genialidade, altas habilidade, superdotação e talento; a Teoria das Inteligências Múltiplas e a Teoria da Inteligência Emocional.

O Desenvolvimento Intelectual do Ser Humano

De acordo com Richardson (1999 *apud* DALGALARRONDO, 2008, p. 277), “a inteligência é um conceito fundamental da psicologia moderna que todos utilizam; entretanto, quase ninguém consegue defini-la de modo definitivo ou pelo menos amplamente convincente”.

Posto isso, realizar um estudo acerca da inteligência desenvolvida pelos seres humanos implica em, necessariamente, discutir a respeito das diferenças individuais, que constituem a diversidade e a pluralidade das formas do existir humano. Neste sentido, há um vasto campo de estudos, com uma imensa gama de conceitos sobre o que seja inteligência.

A palavra inteligência, etimologicamente, se origina do latim *intelligentia*, que significa “entendimento, conhecimento” (HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 1.631), e “do latim *intelligare*, relativo ao que sabe juntar, unir e enlaçar [...]” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 149, grifado por mim). Assim, é possível apresentar um conceito genérico de “inteligência”, como sendo a capacidade humana de enfrentar as situações novas, a fim de resolver problemas e, de igual forma, utilizar conceitos concretos e abstratos.

A inteligência não é um fator dissociado da personalidade do sujeito, portanto, também se relaciona à hereditariedade, ao temperamento e ao caráter, que é assimilado do meio social.

Assim sendo, a evolução saudável e equilibrada da inteligência está intimamente relacionada com os progressos do pensamento, que por sua vez acompanha o desenvolvimento anatomo-fisiológico, motor e psicológico do sujeito histórico: do concreto ao abstrato; do imaginário (mágico, finalista, artificialista, animista e sincrético) ao real; da análise para a síntese; do emocional (sincrético) para o racional (categorial) (FIORELLI; MANGINI, 2009). E, ainda, com desenvolvimento dos “estados da consciência”, que se inicia com uma total “indiferenciação do Eu”, passando pelo sincretismo de pensamento e linguagem, até o “pensamento formal”, com a plena capacidade de abstração. Consoante a Conesul (2008 *apud* PERES; CUPOLILLO, 2011, p. 15), “se fosse possível traduzir em equações simbólicas a evolução da criança desde o estado de indiferenciação e fusão com até a mãe a aquisição de sua idade adulta, se poderia esquematizá-la da seguinte forma”:

1. “no útero materno” = “o universo sou eu” (estado de simbiose);
2. ao nascer = “o universo existe em função de mim” (estado de indiferenciação do “eu”);
3. “ao completar o 1º ano de vida” = “o universo é meu” (estado egocêntrico);
4. “durante o processo de escolarização” = “o universo existe independente de mim e eu sou parte dele”;

5. o sujeito “no limiar da condição adulta” = “o universo é algo que compartilho com os outros”.

A consciência e seus “estados” ocorrem em consonância com a inteligência, porém são distintos dela. Neste sentido, é possível acreditar que é a capacidade de utilização da inteligência pelo sujeito, que permitirá à consciência apreender o significado das “coisas” percebidas, como elas se constituem, as diferenças entre elas, e as finalidades de cada uma no mundo (MAROT, 2013).

Diante dessa compreensão, o “nível de inteligência”⁴ está intimamente relacionado com as concepções de saúde mental e deficiência intelectual. No caso da ocorrência de déficits intelectuais, estes podem se estabelecer em função de fatores hereditários, má formação cromossômica ou ocorrências traumáticas, durante a gestação ou após o nascimento, que podem ser classificadas como “distúrbios ou retardos mentais”. De acordo com Amaral (2004 *apud* PEREIRA; BECKER; MIRANDA, 2011, p. 102),

as deficiências cognitivas podem ocorrer por desenvolvimento insuficiente, no caso das oligofrenias⁵ ou retardo mental⁶, ou por perda da capacidade que fora adquirida, o acontece nas demências⁷. Esses dois tipos de deficiência apresentam classificações, curso e tratamentos diferenciados, conforme o diagnóstico, a idade e as comorbidades⁸ presentes.

⁴ “Grau em que uma pessoa está apta a desempenhar as tarefas a que se dá coletivamente o nome de inteligência” (CABRAL; NICK, 1989, p. 193).

⁵ “Deficiência do desenvolvimento mental, congênita ou adquirida em idade precoce, que abrange toda a personalidade, comprometendo sobretudo o comportamento intelectual [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 2.060).

⁶ “[...] condição de desenvolvimento interrompido ou incompleto das capacidades mentais, manifestando-se pelo comprometimento das habilidades cognitivas que são adquiridas ao longo do desenvolvimento na infância e na adolescência [...]. Incluem principalmente as aptidões intelectivas, a linguagem e a capacidade de adaptação social” (DALGALARRONDO, 2008, p. 282).

⁷ “[...] perdas de múltiplas habilidades cognitivas e funcionais [...] por um empobrecimento e uma simplificação progressiva de todos os processos psíquicos, cognitivos e afetivos” (DALGALARRONDO, 2008, p. 377; 376).

⁸ Designação de duplo diagnóstico, em função da associação de pelo menos duas patologias manifestadas em um mesmo paciente. “Comorbidade patogênica” ocorre quando duas ou mais doenças estão etiologicamente relacionadas. “Comorbidade diagnóstica” ocorre quando as manifestações da doença associada forem similares as da doença primária. E, “comorbidade prognóstica” ocorre quando houver doenças que predisõem o paciente a desenvolver outras doenças.

Não havendo nenhuma intervenção ou variável patogênica, mediante os fatores hereditários e genéticos, o desenvolvimento intelectual pode ser considerado um “potencial inato”, ou seja, cada ser humano nasce com a capacidade de pensar e aprender. Todavia, tal condição dependerá, sobremaneira, da estimulação recebida da família, escola e convívio social, em sua totalidade. Neste sentido, segundo Nunes e Silveira (2011, p. 149),

[...] a inteligência vai além de resultados obtidos pelos estudantes, expressos em notas, índices e fatores. Ao contrário, ela está relacionada com aspectos próprios do sujeito e com elementos do meio, manifestando-se de forma singular nas situações formais e informais de aprendizagem, experimentadas por ele em seu cotidiano. A inteligência articula-se também com a capacidade do ser humano de conhecer e entender a realidade que o cerca, de modo a dominá-la e transformá-la. É, portanto, um processo aberto e mutável.

Não obstante, deve haver um consenso entre o potencial a ser desenvolvido e a estimulação recebida. Estes dois aspectos devem ser conectados a fim de poder levar o sujeito a desenvolver-se, seja em que área for escolhida. Geralmente, as atividades despertam a atenção da pessoa, pois há uma consonância de interesse e aptidão para exercê-la. De forma abreviada, pode-se dizer que a inteligência é um “potencial inato” a ser desenvolvido de acordo com a personalidade, o meio ambiente e o contexto socioeconômico e histórico-cultural do sujeito.

Os fatores ambientais são agentes determinantes para a viabilização e canalização do potencial inato da pessoa. Fatores ambientais como superpopulação, ruídos, desorganização (emocional e social), tensão, mudanças constantes, problemas nutricionais, desordens familiares afetam diretamente a capacidade da pessoa em desenvolver seu potencial de inteligência. O meio social desempenha um papel importantíssimo no processo de estimulação e ativação da inteligência, no sentido de transformá-la em habilidades. Nesta direção,

a inteligência pode ser definida como o conjunto das **habilidades cognitivas do indivíduo**, a resultante, o vetor final dos diferentes processos intelectivos. Refere-se a **capacidade de identificar e resolver problemas novos**, de reconhecer adequadamente as situações vivenciadas cambiantes e **encontrar soluções, as mais satisfatórias possíveis** para si e para o ambiente, respondendo às

exigências de adaptação biológica e sociocultural.
(DALGALARRONDO, 2008, p. 277, grifado no original).

As habilidades intelectuais são utilizadas para desenvolver determinadas áreas do conhecimento e/ou campos de atuação profissional. O problema instala-se quando as exigências pessoais divergem das possibilidades oferecidas no meio sócio-familiar, acadêmico e/ou no mercado de trabalho. Por isso, a inteligência de cada pessoa designa a forma como esta vivência todas as suas ações, racionais e emocionais, no plano pessoal, educacional e profissional.

A Inteligência como Objeto de Pesquisa da Psicologia

“O tema inteligência nos remete à necessidade de um breve percurso histórico, situando diferentes concepções vigentes que se expandiram tanto no campo da Psicologia quanto no da Educação” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 149). Os primeiros estudos significativos sobre a inteligência humana foram realizados pelo pesquisador francês Alfred Binet (1857-1911), que tentou mensurá-la através de testes psicológicos, elaborando, em 1904, o primeiro “teste de inteligência”⁹ e estabelecendo a relação entre idade cronológica e idade mental. Tais testes “tinham como objetivo verificar os progressos de crianças deficientes do ponto de vista intelectual” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 181). E, em seguida, William Stern (1871-1938), filósofo e psicólogo alemão, fundou a Psicologia Diferencial¹⁰, que formulava que o

índice destinado a avaliar o grau de inteligência do indivíduo; é obtido pela divisão da sua idade mental pela idade cronológica. De um modo geral, multiplica-se o resultado por 100 para evitar frações¹¹. [...] O Quociente Intelectual (QI) representa a posição relativa do indivíduo, comparado com as pessoas de sua idade, tendo-se em vista o desenvolvimento intelectual.

⁹ “Teste destinado a avaliar a inteligência geral ou nível mental do indivíduo; pode, inclusive, avaliar certos aspectos da inteligência condensados num só resultado, procurando-se, tanto quanto possível, obter uma avaliação independente dos antecedentes culturais” (CABRAL; NICK, 1989, p. 193).

¹⁰ “O ramo da psicologia que investiga diferenças individuais, suas causas, consequências e magnitude entre grupos” (CABRAL; NICK, 1989, p. 304).

¹¹ “A idéia consistiu em dividir a idade mental (IM) pela idade cronológica (IC) e multiplicar o resultado por 100, segundo a fórmula $QI = (IM / IC) \times 100$ ” (GARSHAGEN, 2002, p. 146).

A partir desses dois estudos, fundamentais, seguiram-se outras diversas pesquisas a respeito da inteligência humana, ampliando ou criticando a mensuração por intermédio de testes, além do uso da Psicologia Diferencial, especialmente, a identificação do potencial intelectual pelo QI.

Na atualidade, as pessoas, ainda, são classificadas quanto ao seu potencial intelectual, porém, é importante saber que não existem pessoas somente dotadas de inteligência inferior ou superior, em todas as áreas do conhecimento humano. Conforme acredita Dalgarrondo (2008, p. 277),

deve-se deixar claro que, mais que qualquer outra função psíquica, a inteligência não é uma função material, delimitável e independente das formulações que sobre ela se faz. **A inteligência é um constructo**, um modo de ver e estudar uma dimensão do funcionamento mental, dimensão esta construída historicamente pela psicologia, pela medicina e pela pedagogia. (grifado no original).

Por conseguinte, todas as pessoas apresentam potencial intelectual, porém, em graus diferenciados, mesmo aqueles que são considerados “deficientes intelectuais”. Cada pessoa evidencia áreas de habilidades a serem desenvolvidas em detrimento de outras. A capacidade intelectual de cada pessoa direciona-se a áreas específicas em acordo com a sua personalidade e as exigências do meio social.

Genialidade, Altas habilidade, Superdotação e Talento

É preciso reconhecer a existência da “genialidade”, que de acordo com Santos (2008, p. 53), “abrange todas as áreas do conhecimento e a utilização destas habilidades contribui de forma original para a humanidade; levando em consideração que todo gênio é superdotado, mas nem todo superdotado é gênio”. O gênio é aquele que não apenas possui altas habilidades, superdotação ou talento relevante, como, também, as utiliza de maneira criativa, genial e produtiva, gerando e produzindo obras de importância social e histórico-cultural.

A genialidade ocorre em casos raríssimos, mas em contextos mais frequentes encontram-se pessoas com uma inteligência acima da média, que são consideradas possuidoras de:

- **altas habilidades** – habilidades acima da média em um ou mais domínios: intelectual, das relações afetivas e sociais, das produções criativas, esportivas e psicomotoras. (OUROFINO; GUIMARÃES, 2007 *apud* SÃO PAULO, 2008, p. 15).
- **superdotação** – que apresentam notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para as artes e capacidade psicomotora. (BRASIL, 2007).
- **talento** – a pessoa que realiza com alto grau de qualidade, alcançando reconhecido sucesso, algo que representa expressão de uma característica que a sociedade reconhece e aprecia, ou desempenha em nível de qualidade superior em alguma área que a sociedade valoriza. (GUENTHER, 2000 *apud* ALMEIDA, 2009).

Tais pessoas não constituem um grupo homogêneo, porém, sim, altamente heterogêneo, devido à variedade de áreas que podem ser superiores. Sendo que as características, comuns e principais, que apresentam são: habilidade acima da média (mas, não necessariamente excepcional); comprometimento com a tarefa; criatividade; criticidade; inquietação (quando a tarefa está aquém das suas habilidades). Não há somente um perfil de pessoas com um nível de inteligência superior à média da população, pois os tipos de inteligências se relacionam entre si. (ANTUNES, 1998, p. 66).

A Teoria das Inteligências Múltiplas

Howard Gardner, psicólogo norte-americano, desenvolveu a teoria das “Inteligências Múltiplas”. Gardner (1994) identificou sete tipos inteligências básicas e diferenciadas entre si. Assim sendo, segue a definição dos sete tipos de Inteligências Múltiplas, que costumam aparecer combinados com intensidade diferente em todos os seres humanos:

- 1) **musical** – “é a capacidade de lidar com a música, como têm os que tocam determinado instrumento musical e os que compõem” (VERGARA, 2005, p.

195). Destaca-se em pessoas que possuem facilidade em aprender a cantar ou tocar um instrumento musical, e perceber e criar padrões de tons e ritmos harmônicos, como compositores, músicos e maestros;

2) **corporal-cinestésica** – é a “capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção (como na dança), jogar um jogo (como no esporte) ou criar um novo produto (como no planejamento de uma invenção) é uma evidência dos aspectos cognitivos do uso do corpo” (GARDNER, 1995 *apud* VERGARA, 2005, p. 196). Manifesta-se nos atletas, dançarinos e bailarinos, ou em quem possui aptidão para trabalhos manuais, de se comunicar por meio de gestos, ou possuem consciência corporal e motricidade desenvolvidas;

3) **lógico-matemática ou numérica** – é comum em engenheiros, físicos e matemáticos, ou em pessoas que lidam bem com a manipulação de números e cálculos matemáticos;

4) **linguística ou de compreensão verbal** – pode ser identificada em quem tem prazer em ler e escrever, e, também, consegue compreender e empregar bem as palavras e as nuances de significados. Profissionalmente, destacam-se os escritores, advogados, políticos etc.;

5) **espacial ou visual** – “é necessária às artes visuais e à solução de problemas espaciais” (VERGARA, 2005, p. 198). Ocorre em pessoas que têm boa habilidade para orientar-se no espaço, avaliar relações entre objetos e desenhar, com noções de perspectiva, profundidade e sombra como, por exemplo, artistas plásticos, arquitetos, engenheiros etc.;

6) **interpessoal (social)** – é identificada nos líderes, professores e psicoterapeutas, e, também, em outros profissionais que têm facilidade para se relacionar com os outros. Compreender, se comunicar bem e convencer pessoas, como administradores, advogados e vendedores. Segundo Gardner (1995 *apud* VERGARA, 2005, p. 198), ela “está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções”;

7) **intrapessoal** – é fundamental para as pessoas que têm boa capacidade de perceber e compreender bem a si mesmas, e, ainda, introspeção, reflexão, autoavaliação e autoaceitação, como filósofos, psicólogos e religiosos.

De acordo com o entendimento de Gardner (1995 *apud* VERGARA, 2005, p. 199), “é o acesso ao sentimento da própria vida, à gama das próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e, eventualmente, rotulá-la e utiliza-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento”. Nesta concepção, é possível compreender que “a inteligência interpessoal nos permite compreender os outros e trabalhar com eles; a inteligência intrapessoal nos permite compreender a nós mesmos e trabalhar conosco” (GARDNER, 1995 *apud* VERGARA, 2005, p. 199).

Acrescentando outros dois tipos, ao rol já existente, Rodrigues (2003 *apud* ALMEIDA, 2006) afirma que “atualmente, Gardner admite, também, a existência de uma oitava [...] e uma nona inteligência”:

✓ **naturalista** – capacidade de reconhecer objetos e situações diversas na natureza e a sua relação com a vida humana, necessária a biólogos, botânicos, zoólogos, ecologistas, oceanógrafos etc.;

✓ **existencial** – refere-se à habilidade de compreensão para além do âmbito corpóreo, reconhecer aquilo que transcende, o entendimento sobre a vida, a morte, o universo, que é característico de pessoas místicas, religiosas, dentre outras.

E, ainda, parece haver mais um dos tipos de “inteligências múltiplas”, que seria a décima, a inteligência **pictográfica ou do desenho**, que “é freqüente nos profissionais das áreas de montagem de cenários, decoração, designer, ilustração, marketing, publicidade, cinema e televisão” (ANTUNES 1998, p. 66).

A Teoria da Inteligência Emocional

A “inteligência emocional”, segundo Chiavenato (2006, p. 203), “tem sido considerada como um fator fundamental na construção de equipes bem-sucedidas e no alcance de objetivos de carreira. Daniel Goleman a descreve como”:

1. a capacidade de ter consciência de seus sentimentos e de saber usá-los;
2. gerenciar seu temperamento;
3. ser otimista e solidário;
4. conseguir empatia com os sentimentos das outras pessoas.

O Quociente Emocional (QE) descrito por Goleman (1995), em oposição ao QI, derruba “o mito da genialidade intelectual”, e eleva “o conceito de maturidade emocional”. Já “o termo inteligência emocional foi cunhado por Peter Salovey e John Mayer, da Yale University. Eles definem cinco áreas de abrangência da inteligência emocional” (CHIAVENATO, 2006, p. 204):

- conhecer as próprias emoções – trata-se de reconhecer a emoção que se está sentindo e saber qualificá-la corretamente;
- administrar as emoções – aprender a ser capaz de adequar a energia da emoção para entrar em conformidade com o momento, qualidade e intensidade da emoção;
- motivar a si próprio – é a habilidade de conter emoções e reter impulsos para alcançar objetivos e manter-se confiante e otimista mesmo frente a situações adversas;
- reconhecer emoções em outras pessoas – a chave para intuir as emoções alheias é a habilidade para ler as mensagens não verbais, como olhar, expressão facial, tom de voz etc.;
- manejar relacionamentos – quando duas pessoas interagem, a direção do estado de humor de uma passa para a outra pessoa. A sincronia das emoções determina se uma relação está indo bem ou não. Emoções não só comunicam como também contagiam o estado de humor de outra pessoa.

Conforme afirma Dalgalarondo (2008, p. 282), a **inteligência emocional** “diz respeito ao conjunto de capacidades relativas ao processamento de informações emocionais. As várias definições de inteligência emocional incluem habilidades como”:

autoconsciência emocional, empatia¹², consciência emocional do outro, capacidade de utilizar emoções para fazer julgamentos, capacidade de administrar conflitos, habilidade de construir laços de trabalho e de trabalhar em equipe. Esse constructo tem sido muito difundido na imprensa leiga; entretanto, sua definição é bastante frouxa e excessivamente abrangente. Ela inclui qualidades humanas diversas como flexibilidade, resiliência¹³, confiabilidade, assertividades e compaixão (BAR-ON; PARKER, 2002 *apud* DALGALARRONDO, 2008, p. 282).

E, ainda, em consonância com o que acredita Dalgalarrondo (2008, p. 281-282), “o indivíduo é um ser social, reflexivo, que participa ativamente de seu ambiente e visa objetivos coerentes com tal ambiente. Os processos cognitivos mais importantes se desenvolvem em relação estreita com o mundo em que se vive”. Neste entendimento, além da “inteligência emocional”, o autor apresenta outras duas manifestações da inteligência humana:

- **inteligência social** – “os comportamentos cognitivos, por serem intimamente conectados com o contexto social, só podem ser compreendidos a partir também da análise de tais contextos” (*ibid.*);
- **inteligência intrapessoal** – refere-se à habilidade em poder apreender e ponderar a respeito de “si mesmo de forma precisa. Abrange, de certa forma, a inteligência social e a emocional, incluindo a capacidade de se inter-relacionar com os outros de forma compatível com o auto-entendimento” (*ibid.*).

Considerações Finais

Neste trabalho acadêmico-científico foram apresentadas concepções distintas acerca da inteligência humana. Iniciou-se abordando as pesquisas pioneiras na área da Psicologia, as quais restringiam a inteligência ao cálculo do QI, mensurado por meio da aplicação de testes psicométricos. Em seguida, outras perspectivas surgiram para questionar e criticar essa primeira

¹² Empatia é a “tendência para sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstância experimentadas por outra pessoa”. (FERREIRA, 1999, p. 739).

¹³ Resiliência pode ser compreendida como a capacidade que a pessoa tem de ser flexível e de enfrentar problemas em situações difíceis e/ou em momentos de crise, e conseguir se reestruturar, para continuar evoluindo e se desenvolvendo, com um novo aprendizado.

compreensão, que abordaram a inteligência como sendo um “processamento da informação” ou, ainda, como uma função promovida no contato do ser humano com seu meio ambiente. E, posteriormente, a Teoria das Inteligências Múltiplas e a Teoria da Inteligência Emocional criticaram a concepção “unitária” da inteligência.

Nesse sentido, com a evolução histórica do conceito de inteligência, e de suas concepções e tipologia, é possível, na atualidade, percebê-la como a capacidade humana de solucionar problemas de diversas ordens: afetiva, volitiva e cognitiva.

Portanto, a problemática a ser solucionada, por exemplo, pode ser compreendida do ponto de vista afetivo, como resolver uma dificuldade de relacionamento de forma satisfatória para as partes envolvidas na relação. De ordem volitiva, solucionar um conflito intrapessoal, que envolve desejo e prazer. E, finalmente, de origem cognitiva, desde a busca pela satisfação das primeiras necessidades, primitivas e elementares, passando pela “inteligência senso-motora” (PIAGET, 1987), “inteligência das situações”, domésticas e cotidianas, ou “inteligência prática e simbólica” (GALVÃO, 2002), até a resolução de um algoritmo, que se configura em um “conjunto das regras e dos procedimentos lógicos que levam à solução de um problema [lógico-matemático]” (VILICIC, 2012, p. 90).

Enfim, a inteligência humana não significa apenas uma representação de alguma atividade mental humana ou a capacidade de executá-la. É um conceito amplo e diversificado que abrange não apenas funções cerebrais, porém o funcionamento de toda estrutura corporal e psicológica do ser humano.

Referências

ALMEIDA, Maria Aparecida de. **O Que é Superdotação e Talento?** Publicado em: 6 abr. 2006. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=817#.UVB6Shzvvst>. Acesso em: 25 mar. 2013.

ANTUNES, Celso. **A Grande Jogada**: manual construtivista de como estudar. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odiar; TEIXEIRA, Maria de L. T. A Inteligência. In: _____. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 177-188.

BRASIL. **Conceitos de Altas Habilidades/Superdotação**. Produzido em: 21 nov. 2007. Disponível em: <http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9>. Acesso em: 23 ago. 2011.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos**: o capital humano das organizações. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DALGALARRONDO, Paulo. A Inteligência e suas Alterações. In: _____. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 277-289.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORELLI, José Osmir; MANGINI, Rosana Cathya Ragazzoni. As Funções Mentais Superiores (a Síndrome de Pirandello). In: _____. **Psicologia Jurídica**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 6-43.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARSHAGEN, Donaldson M. (Ed.). **Nova Enciclopedia Barsa**: inteligência. 6. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2002, v. 8, p. 145-147.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 52. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MAROT, Rodrigo. **O Conceito de Inteligência**. Disponível em: <<http://www.psicosite.com.br/pro/art004.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Inteligência. In: _____. **Psicologia da Aprendizagem**: processos, teorias e contextos. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2011, p. 149-161.

PEREIRA, Maria Amélia Dias; BECKER, Leticia Azzolin; MIRANDA, Jussara Inez Vieira. Psicopatologia e Transtornos Psiquiátricos. In: BECKER, Leticia

Azzolin (Org.). **Psicologia para Concursos e Graduação**: teoria e questões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 95-158.

PERES, Vannúzia Leal Andrade; CUPOLILLO, Mercedes Villa. Desenvolvimento Humano. In: BECKER, Leticia Azzolin (Org.). **Psicologia para Concursos e Graduação**: teoria e questões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 1-19.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

SANTOS, Kályta Flávia dos. **Inclusão Educacional de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. 150f. 2008. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Inhumas: Unidade Universitária de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Um Olhar para as Altas Habilidades: construindo caminhos**. São Paulo: FDE, 2008, 87p. Disponível em: <http://cape.edunet.sp.gov.br/cape_arquivos/Um_Olhar_Para_As_Altas_habilidades.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão de Pessoas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

VILICIC, Filipe. Afinal, a Leitura da Mente. **Veja**. São Paulo, ed. 2.276, ano 45, n. 27, p. 84-91, 4 jul. 2012.